

Para economista da FGV, saída é desenvolver mercado interno

Paulo Nogueira Batista Jr. diz que há ociosidade na indústria e da mão-de-obra

O professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP) Paulo Nogueira Batista Jr. avalia que a saída para o desenvolvimento sustentado passa por aproveitar mais plenamente a capacidade produtiva do Brasil. Há capacidade física ociosa nas indústrias e há capacidade humana ociosa por conta do desemprego.

Uma ação importante para melhorar a utilização da capacidade foi a desvalorização do real e a mudança do regime cambial, diz Batista Jr. A médio prazo, observa, essa dupla mudança vai aumentar exportações e também provocar substituição de importações.

O grau de abertura da economia brasileira, contudo, é pequeno, lembra o economista. "O fluxo global do comércio de bens e serviços do País é inferior a 20% do PIB", diz ele.

Na sua avaliação, esse pequeno grau de abertura é estrutural e é uma realidade

em países grandes como os Estados Unidos e Rússia. "Por isso, o impulso dinâmico não pode vir do setor exportador, é fundamental que ele venha do mercado interno", sustenta.

Para Batista Jr, o Brasil precisa estimular a demanda interna. Os países podem fazer isso com política fiscal ou monetária, pondera. "A situação financeira do governo é problemática e não permite nem expandir gastos, nem cortar tributos para estimular a atividade", reconhece.

Por isso, ele sugere que o governo atue com instrumentos de política monetária, reduzindo o custo efetivo dos juros que encarecem o capital de giro das empresas e os empréstimos ao

consumidor, além de eliminar compulsórios e tributos que oneram e restringem o volume de crédito disponível.

A alternativa de expandir o crédito interno nunca foi considerada pela equipe econômica porque o governo precisava estimular a entrada de capitais externos para financiar o desequilíbrio da conta corrente, avalia Batista Jr.

"Também por isso o governo estimulou o endividamento externo das empresas", argumenta. Agora, diz, a conjugação da desvalorização com mudança da política cambial abre espaço para reduzir esse desequilíbrio e por isso a política de juros altos já não é mais necessária.

Para que essa estratégia dê certo, avalia, é preciso também adotar mecanismos para controlar a entrada de capitais externos especulativos senão o Brasil não conseguirá alcançar um equilíbrio na sua conta com

o exterior.

"A conta de capitais está excessivamente aberta e é preciso voltar a controlar o fluxo de recursos", diz, sugerindo regras que disciplinem a entrada e a saída de capitais.

CRÉDITO É
SAÍDA PARA
DEMANDA
LOCAL

A rota de estimular o crescimento com a ampliação do crédito interno pode encontrar dois sérios obstáculos, segundo Batista Jr: uma virada no cenário internacional ou a desintegração do governo.

"Se o governo não reorganizar sua base de sustentação, perde a confiança", observa. Na sua avaliação, contudo, a crise atual não é política, mas econômica e está relacionada à falência do modelo sustentado na dependência externa.

Ele acredita que o Brasil pode voltar a crescer já no ano 2.000 e sustentar esse crescimento nos anos seguintes se apoiar esse desenvolvimento na ampliação do mercado interno. (D.N.)